“ÀS VEZES UM CARA TEM QUE SE MONTAR, UÉ!”: *TÉCNICAS DE SI E RESSIGNIFICAÇÃO DO CORPO NO CROSSDRESSING*

“SOMETIMES AD MUST MAKE ITSELF, EH?”: TECHNIQUES OF THE SELF AND THE CROSSDRESSING BODY'S REDETERMINATION

Marcos Paulo de Azevedo[1]
Francisco Vieira da Silva[2]

Resumo: O presente artigo fundamenta-se na Análise do Discurso de linha francesa, tomando como principal orientação teórica e metodológica os estudos sobre o discurso e os modos de subjetivação realizados por Foucault (2014a). Com base nessa fundamentação teórico-metodológica analisaremos aqui a construção da subjetividade *crossdresser*, observando como isso se materializa nos corpos desses sujeitos, a partir de tirinhas de Laerte Coutinho.
Palavras-chave: Corpo; Crossdressing; Subjetividade.

Abstract: This paper is based on French Discourse Analysis, having Foucault’s (2014a) studies on discourse and the subjectivation ways as the main theoretical and methodological orientation. Based on this theoretical-methodological foundation, the crossdresser subjectivity is analyzed, by observing how it is materialized on these subjects' bodies, from Laerte Coutinho's comic strips.
Keywords: Body; Crossdressing; Subjectivity.

[1] Professor Assistente da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), lotado no Departamento de Letras Vernáculas. Atualmente é Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras da UERN. E-mail: marcospaulo@uern.br.
[2] Docente da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e do Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO) da associação entre a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), a Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). E-mail: francisco.vieiras@ufersa.edu.br.

Introdução

Em tradução literal, o termo *crossdresser* significa vestir-se cruzado ou vestir-se ao contrário. Vencato (2013) escreveu sua tese de doutorado em Antropologia sobre as *crossdresser*s associadas ao *Brazillian Crossdresser Club,* ambiente virtual que promovia o contato entre praticantes do *crossdressing* no Brasil, e verificou que o termo pode apresentar algumas variações de significado, mas, “grosso modo, uma pessoa que se identifica como *crossdresser* pode ser definida como alguém que eventualmente usa ou se produz com roupas e acessórios tidos como do sexo oposto ao sexo com que se nasce” (VENCATO, 2013, p. 32, grifos da autora). A palavra *crossdressing*, por sua vez, geralmente é usada para nomear a prática de se vestir com roupas e acessórios tidos como próprios ao sexo oposto ao que se nasce. Vale ressaltar que nesse trabalho investigamos o *crossdressing* realizado por sujeitos do sexo masculino.

É preciso também esclarecer que o *crossdressing* não está necessariamente ligado às práticas sexuais dos sujeitos, ou seja, as *crossdresser*s não são obrigatoriamente sujeitos homossexuais que “se vestem de mulher”. Vencato (2013) constatou que a maior parte das *crossdresser*s que aceitaram participar de sua pesquisa eram homens heterossexuais, vários deles casados. Ressaltamos, contudo, que não estamos afirmando não existir *crossdresser*s homossexuais ou que o *crossdressing* não possa ser, em algum caso, um fetiche sexual, mas que esses não são aspectos definidores.

A Análise do Discurso é uma área que tem desenvolvido estudos sobre os processos de subjetivação dos sujeitos, alguns deles – em especial os de base foucaultiana – consideram o corpo como a principal materialidade discursiva através da qual se manifestam as produções de sentido. Partindo disso, este trabalho visa contribuir para as reflexões realizadas até o momento com o objetivo de aprofundar as discussões sobre o corpo e os modos de subjetivação.

O ato de compreender a constituição do sujeito moderno passa pela compreensão primordial de que as relações de poder-saber atuam principalmente sobre os corpos dos sujeitos. Isso nos leva a refletir a respeito da visão dos estudos foucaultianos no que se

refere à noção de corpo. Os estudos em Análise do Discurso, talvez especialmente no Brasil, consideram o corpo como lugar de produção de sentido, ou seja, o corpo tanto é objeto como fonte de discursos. Nesse sentido, é necessário refletirmos sobre o modo como a AD concebe esse corpo discursivo para que possamos pensar o lugar que o corpo ocupa em nosso estudo sobre o sujeito *crossdresser*, pois é na superfície da pele que as marcas de subjetividade parecem ser mais perceptíveis.

Pensando nisso, organizamos este artigo em duas seções principais: na primeira, refletimos sobre o corpo enquanto materialidade discursiva e sobre as técnicas de si realizadas pelos sujeitos em processo de subjetivação; na segunda, fazemos a análise de três tirinhas da cartunista Laerte Coutinho que produzem efeitos de sentido sobre o *crossdressing*, a partir das quais pensamos a noção de corpo e analisamos as técnicas de si ali materializadas. Para finalizar, sintetizamos nossas reflexões nas considerações finais.

O corpo como materialidade discursiva

Se é na superfície da pele que notamos de forma mais explícita as marcas dos processos de subjetivação pelos quais passam os sujeitos, é possível que no caso das *crossdresser*s isso seja ainda mais perceptível pelo fato de que no *crossdressing* – assim como no processo de montagem das travestis e *drag queens* – os adereços socialmente entendidos como pertencentes ao feminino adornam os corpos dos sujeitos e inscrevem ali, de forma bastante explícita, diferentes sentidos. Sentidos esses que não emanam apenas da roupa e demais acessórios femininos, mas também dos gestos corporais, trejeitos, tom de voz, enfim, comportamentos que socialmente são atribuídos ao feminino e que o indivíduo assume quando está montado. Tudo isso se inscreve e se torna visível no corpo, como marcas. Marcas que o próprio indivíduo grava em seu corpo como forma de indicar o pertencimento, ou a intenção de pertencer, a um determinado grupo, a uma determinada identidade (LOURO, 2000).

Tais ações realizadas sobre o corpo pelo próprio sujeito ou por terceiros são chamadas por Foucault (2014a) de técnicas ou práticas de si, que seriam exatamente as

tomadas de atitude ética, pelo indivíduo, que resultam em ações diretas sobre seu próprio corpo ou comportamento com o objetivo claro de tornar-se sujeito de uma verdade sobre si. Nas palavras de Foucault (2014a, p. 266) as técnicas de si

> permitem aos indivíduos efetuar, sozinho ou com a ajuda de outros, certo número de operações sobre seu corpo e sua alma, seus pensamentos, suas condutas, seu modo de ser; transformar-se a fim de atingir certo estado de felicidade, de pureza, de sabedoria, de perfeição ou de imortalidade.

Nesse sentido, o corpo é um o lugar em que o sujeito inscreve sua subjetividade, é nele que recaem as ações cotidianas de transformação e/ou adequação a determinadas formas de ser ou viver que determinam a identidade do sujeito. É, então, como lugar de produção de discursos, de sentido, como prática discursiva que a AD toma o corpo como uma categoria de análise, pois é possível observar no corpo, e através dele, vestígios das relações de poder-saber que a sociedade infligiu sobre ele e, principalmente, as formas de resistência, os contra-discursos que o sujeito pratica. Esses vestígios são discursivamente perceptíveis seja na fala desses indivíduos, ou nos elementos verbais e não-verbais – simbólicos – dos quais seu corpo se torna veículo.

Para Milanez (2009), o corpo enquanto lugar de discurso se diferencia do corpo biológico. A AD não se atém ao corpo físico/biológico que trabalha, que pratica esportes, que faz sexo, que estuda; ela não analisa o corpo em exercício de suas funções sociais e biológicas do cotidiano. Importa à Análise do Discurso o corpo em sua existência histórica.

> O corpo deve ser visto como um lugar de inscrições, produções ou constituições sociais, políticas, culturais e geográficas. O corpo não se opõe à cultura, um atavismo resistente de um passado natural; é ele próprio um produto cultural, *o* produto cultural (GROSZ, 2000, p. 84).

Entender o corpo como lugar que abriga as inscrições, produções ou constituições das diferentes relações que o ser humano pode estabelecer com o outro e consigo mesmo significa vislumbrá-lo como alvo dos efeitos de sentido sócio-historicamente produzidos pelas diferentes esferas de conhecimento que, ao longo da

história da humanidade, foram institucionalmente legitimadas com o poder de produzir verdades.

Para Nascimento (2013), o corpo tem se destacado na atualidade devido ao fluxo discursivo incessante que atua sobre ele. O sujeito tem sido levado constantemente a refletir sobre seu corpo incitado pela proliferação de diversas materialidades linguísticas que veiculam discursos responsáveis pela construção, em diferentes esferas da sociedade, de corpos dóceis e úteis. Segundo a autora, sobre o corpo

> ecoam matizes de saberes que tentam enquadrá-lo sob as mais diferentes designações, ressaltando que não há um único olhar sobre o corpo, mas que esse é moldado pelo jogo das verdades fabricadas em diferentes épocas. Com isso, os modos de definição do corpo, agregam-no sob o viés da Antropologia, Sociologia, Psicologia, Medicina, Psiquiatria, etc., inscrevendo-o entre comportamentos, culturas e doenças, numa visão física, dividindo-o entre alma e corpo, razão e emoção. O que nos interessa é o distanciamento com essas concepções, pois pretendemos compreendê-lo na perspectiva linguístico-discursiva, como um enunciado sobre o qual se produzem diferentes efeitos de sentidos. (NASCIMENTO, 2013, p.19)

A partir dessa colocação da autora percebemos que o corpo se tornou objeto de diferentes áreas de estudo e que cada uma dessas áreas promoveu um saber sobre ele, fazendo com que este fosse atravessado por diferentes vontades de verdade. Ao mesmo tempo em que nos distanciamos das noções construídas por essas áreas citadas, uma vez que nos interessa a perspectiva discursiva em que o corpo se inscreve na sociedade, também as levamos em consideração para poder compreender a maneira pela qual os saberes produzidos por essas ciências serviram de alicerce para relações de poder que, no decorrer da história, imprimiram-se sobre os corpos, subjetivando-os (NASCIMENTO, 2013).

O campo da sexualidade pode ser considerado um dos principais alvos de produção de verdades construídas ao longo da história pelas ciências supracitadas. Resultam da produção de verdades, em determinadas épocas, por algumas dessas ciências, por exemplo, os principais sistemas binários que dividem a humanidade até hoje: homem e mulher, hetero e homossexual, normal e pervertido, doente e são, ou ainda práticas sexuais legítimas e ilegítimas.

Louro (2000) assevera que muitos encaram a sexualidade como algo construído “naturalmente”, como um atributo fisiológico com o qual todos nós nascemos e que está fadado a se desenvolver para um lado ou para outro (masculinidade ou feminilidade). Para a autora, aceitar essa ideia significa jogar por terra todos os argumentos sobre a dimensão social e política ou do caráter construído que estudos mais recentes defendem sobre a sexualidade. Ou seja, significa permanecer preso nas vontades de verdade produzidas em outras épocas pelas ciências médico-pedagógicas, que encerraram os corpos em processos de disciplinarização.

> Tal concepção usualmente se ancora no corpo e na suposição de que todos vivemos nossos corpos, universalmente, da mesma forma. No entanto, podemos entender que a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais. Nessa perspectiva, nada há de exclusivamente "natural" nesse terreno, a começar pela própria concepção de corpo, ou mesmo de natureza. Através de processos culturais, definimos o que é — ou não — natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas. Os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros — feminino ou masculino — nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade — das formas de expressar os desejos e prazeres — também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade. (LOURO, 2000, s/p).

A autora é bastante elucidativa sobre o caráter cultural que a sexualidade e, por conseguinte, o corpo, assume. Tal caráter é intensificado quando Louro liga a sexualidade a rituais, linguagens, símbolos, convenções, dentre outros, que são elementos sócio-culturalmente definidos. Sendo elementos mutáveis, implicam a participação social ativa do sujeito, isto é, o sujeito também é responsável por definir sua sexualidade e por escolher a forma como vai representar social ou simbolicamente essa sexualidade em seu corpo. Nessa concepção não há espaço para a visão limitada no “natural” e cria-se um contra-discurso em relação às verdades construídas em torno dos sistemas binários.

Esse contra-discurso funda-se, como fica claro no trecho de Louro (2000), na ideia de que os corpos são construídos socialmente e que os gêneros (masculino e

feminino) são inscritos nos corpos a partir de uma determinada cultura e, portanto, carregam marcas e são construídos culturalmente. A sexualidade deve ser, então, entendida como fruto das relações de poder-saber de uma determina sociedade, não como algo puramente natural.

Vale ressaltar que as relações de poder-saber que determinarão essa sexualidade não necessariamente precisam ser negativas, pois elas podem emanar não só de um sistema de governo que vise enquadrar o sujeito no sistema heteronormativo, como também podem surgir das formas de resistência a esses sistemas de governo, como contra-discursos que também exercem relações de poder-saber.

Ainda sobre o modo como os corpos são sócio-culturalmente produzidos, Nóbrega Filho (2011) chama a atenção para as técnicas corporais que precisam ser mobilizadas para que esse corpo seja moldado de acordo com a demanda cultural de cada sociedade. Não se trata aqui apenas daquela demanda capitalista que disciplina o corpo visando o lucro, mas também das demandas individuais de cada um, dos saberes socialmente construídos e necessários para que uma *crossdresser,* por exemplo, saiba o que significa o feminino na sua cultura e de que modo precisa agir sobre seu corpo para imprimir nele esse gênero. As técnicas corporais das quais fala o autor referem-se às normas, padrões e regras sobre como o corpo deve ser produzido em cada cultura ou subcultura. Tais regras remontam às demandas de uso do corpo nessas culturas.

Se pensarmos que o corpo feminino, nos dias atuais, para atender as exigências de uma demanda da moda precisa ser magro e esbelto, enquanto o masculino precisa ser alto, esguio e ao mesmo tempo malhado, podemos compreender de forma mais clara essas imposições normativas, que também se estendem a outros campos da sociedade – algumas profissões, por exemplo, exigem determinados “tipos” de corpo.

Nesse mesmo sentido podemos pensar o caso do sujeito *crossdresser.* Para atender à demanda do gênero feminino em nossa cultura, na qual esse sujeito deseja se inscrever por meio do uso de roupas femininas, mesmo que esporadicamente, ele precisa fabricar um corpo que corresponda à vontade de verdade sobre o corpo e o modo de se vestir feminino, de preferência bonito e atraente (VENCATO, 2013).

Tomemos de empréstimo o que Nóbrega Filho (2011) diz a respeito da travesti, que, nesse caso, de certo modo, se aplica também ao sujeito *crossdresser*. Com o objetivo de ocupar o lugar de um “ser feminilizado”,

> ele terá de modificar o seu corpo até que consiga atingir o resultado exigido pela demanda performática de gênero – consequentemente atualizada no corpo [...]. Para isso, ele terá de ter o conhecimento do que seja ser feminino, ser mulher, o que é ser homem, como não ser masculino, qual discurso atravessa tal universo (do gênero), etc. (NÓBREGA FILHO, 2011, p.26).

Torna-se indispensável, nesse caso, o saber culturalmente construído, a verdade sobre o que é ser mulher e o que é ser homem em nossa sociedade e de que modo reproduzir isso em nossos corpos. Observemos que o autor destaca a importância de se conhecerem os discursos que atravessam o universo dos gêneros, o que nos permite mais uma vez afirmar que o gênero é também uma construção discursiva, na medida em que é preciso legitimar como verdade um discurso, numa determinada época, sobre o que é ser mulher e o que é ser homem.

Seguindo esse raciocínio, quando uma *crossdresser* coloca uma roupa feminina, usa um acessório e maquiagem, ela não agiu de forma aleatória, mas sim, porque pretendeu atender a uma espécie de acordo social discursivamente construído de que aqueles elementos o inscreveriam em uma determinada condição social que está relacionada ao feminino. Mesmo que não seja o objetivo de muitas *crossdressers* assumir definitivamente o gênero feminino, no momento em que se montam elas assumem temporariamente esse papel. Nesse caso, usando novamente as palavras de Nóbrega Filho (2011) sobre travestis, podemos inferir que o sujeito *crossdresser* também se define a partir de diferentes discursos e saberes, que o autor divide em normativos e aqueles ligados à Teoria *Queer*:

> [...] para os discursos normativos, ele é um indivíduo patológico, pecaminoso, transgressor da moral e da naturalizadora norma padrão do gênero; já, segundo outros (contra)discursos, como o da Teoria *Queer*, ele é um indivíduo que realiza uma performance de gênero distinta da esperada de seu sexo, não se definindo como mulher, mas ao contrário, podendo ser visto como estando no entremeio de todo binarismo genérico, não devendo, então, ser compreendido como antinatural – pelo fato de apresentar simultaneamente características daquilo que pode ser apontado como

> *masculino* e *feminino* (pênis e seios, por exemplo), uma vez que a problemática do gênero, compreendida normativamente como natural, na verdade é, para a Teoria, de ordem discursiva (NÓBREGA FILHO, 2011, p.27, grifos do autor).

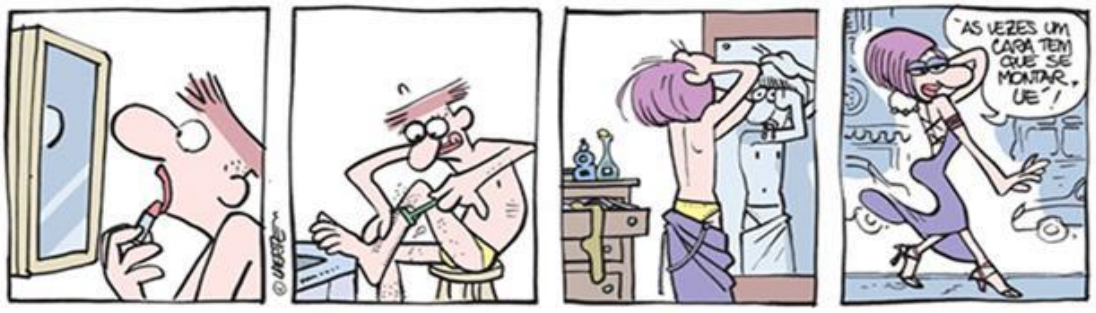
Viver na fronteira dos binarismos é uma característica dos indivíduos *queers* (LOURO, 2013). É importante ressaltar, a partir dessa citação de Nóbrega Filho (2011), que assim como existe o discurso definidor do que é ser homem e do que é ser mulher, existem os saberes que produzem vontades de verdade sobre o que é ser travesti, *crossdresser*, *gay, drag queen.* E é valendo-se desse conhecimento sobre o que é ser *crossdresser* – no sentido colocado pela Teoria *Queer,* sobre essa possibilidade de viver na fronteira, que o sujeito praticante do *crossdressing* atua sobre seu corpo, inscrevendo discursivamente práticas de subjetividade feminina. Para compreendermos melhor esse ato de fabricação do corpo no *crossdressing*, passaremos a analisar as tirinhas da cartunista Laerte Coutinho.

Corpo montado, corpo ressignificado: a produção de sentidos no crossdressing

Nesta seção, analisamos três tirinhas da cartunista Laerte Coutinho[3] que produzem efeitos de sentido que remetem ao *crossdressing* e representam técnicas de si realizadas pelo sujeito para inscrever em seu corpo marcas de feminilidade. É importante destacar que Laerte não classifica essa personagem como *crossdresser,* travesti ou transgênero, de modo que o tratamento dado a ela aqui como uma possível *crossdresser* é uma possibilidade de leitura que propomos. Vejamos a primeira:

Figura 1. Processo de montagem.

[3] O uso do feminino ao se referir a Laerte justifica-se pelo fato da cartunista identificar-se como mulher transgênero.



Fonte: < http://murieltotal.zip.net/arch2009-03-08_2009-03-14.html>. Acesso em: 29 de maio de 2016

No primeiro quadrinho da tirinha, vemos um homem diante de um espelho aplicando batom sobre os lábios. O segundo quadrinho traz uma imagem mais aberta da cena, na qual é possível ver o mesmo homem sentado num banquinho depilando as pernas. No terceiro, o homem, agora diante de um espelho maior, que lhe proporciona uma imagem mais completa de seu corpo, arruma uma peruca de fios roxos na cabeça, fixando com o auxílio de grampos de cabelo. É possível agora visualizar seu corpo mais claramente: alto, magro e liso após a depilação. Ele usa uma calcinha amarela e o vestido azul está colocado quase à altura da cintura. No quarto e último quadrinho, o sujeito, agora mulher, já está completamente montada. Saltos altos vermelhos e o vestido lilás, aparentemente tomara que caia, e costas nuas completam o “look”. A personagem também usa brincos, pulseiras e maquiagem nos olhos. O cenário mudou: se encontra caminhando na rua com gestos elegantes e femininos. O último quadrinho traz também um balão com a seguinte fala: “às vezes um cara tem que se montar, ué!”.

A tirinha exibe um passo a passo do processo de montagem. Primeiro o batom, depois a depilação, em seguida o cabelo e por último o vestido. Todas essas ações e técnicas para significar o feminino são impressas sobre o corpo, que sofre mudanças físicas (depilação) e simbólicas para se adequar ao novo papel social que passa a desempenhar. São esses adereços sobre o corpo que causam efeitos de sentido sobre o feminino, pois são tipicamente usados por mulheres no cotidiano. O corpo da personagem se torna um invólucro de discursos e saberes sobre o *crossdressing* e sobre o que é ser mulher em nossa sociedade. Estamos diante de um sujeito masculino que faz uso de vestimentas e adota práticas femininas, sem abrir mão da sua subjetividade

masculina – o que fica claro por meio do uso do termo “cara” na fala do quarto quadrinho. Os trejeitos sensuais e os acessórios escolhidos denotam práticas femininas socialmente reconhecidas, o que nos leva a compreender que se trata de uma performance de gênero feminino. Os efeitos de sentido que emanam da tirinha nos permitem compreender bem porque Grosz (2000) advoga que o corpo é social, cultural e linguisticamente produzido: ele é fabricado a partir das técnicas empregadas pelo sujeito, práticas estas guiadas pelos saberes discursivamente produzidos sobre o feminino no decorrer da história. Esse é o corpo objeto da Análise do Discurso.

Outro fator que precisa ser melhor abordado na tirinha é o enunciado verbal, que é o posicionamento linguisticamente materializado pelo sujeito (*crossdresser*?) sobre o processo de montagem: “às vezes um cara precisa se montar, ué!”. Tal enunciado aparece como uma resposta à sociedade, a alguém que poderia ter perguntado: “o que significa isso?”. Nessa pseudorresposta é possível perceber que o sujeito não abriu mão do gênero masculino a que biologicamente pertence, o que fica subentendido pelo uso da palavra “cara”. Como já mencionado, há nesse acontecimento discursivo a produção de uma vontade de verdade que legitima o desejo do sujeito de vestir-se como uma mulher, sem necessariamente abrir mão de sua subjetividade masculina, assumindo uma subjetividade fronteiriça que muito lembra aquela que definimos como sendo a dos sujeitos *crossdressers*.

Passemos agora à análise da segunda tirinha, que também aborda essa ideia de fabricação do corpo. Observemos que, no primeiro quadrinho da Figura 2, o doutor apresenta ao “paciente” a “forma” na qual ele precisará entrar para fazer a aplicação de silicone. Essa forma apresenta um contorno feminino, mas não qualquer um: o molde é o de um corpo magro, mas com seios e bumbum grandes e pernas grossas. Vale ressaltar que o preenchimento será feito exatamente nas partes do corpo que são tipicamente alteradas por mulheres. A existência do molde indica que mesmo o sujeito que busca formas de subjetivação que fogem ao controle do poder disciplinar acaba caindo em outras formas de objetivação, uma vez que o sujeito mulher concebido no molde é um estereótipo que não representa, por assim dizer, uma mulher real, mas sim

ideal. E essa idealização é atravessada por diferentes relações de poder que se exercem por meio do discurso midiático, econômico, cultural e também do discurso machista.

Figura 2: Silicone blues 1



Fonte: < http://www2.uol.com.br/laerte/> Acesso em 20 de setembro de 2016.

No segundo quadrinho inicia-se a transformação e logo temos o resultado no terceiro quadrinho: o homem sai da máquina com os contornos femininos que o molde possuía. O sujeito sente-se satisfeito com a transformação: “Puxa! Obrigado, doutor!”. A fabricação de um corpo que atenda ao desejo de subjetivação do sujeito faz com ele atinja esse estado de felicidade.

A leitura da tirinha permite mais uma vez a compreensão de que o corpo pode ser construído, ressignificado a partir de técnicas de si realizadas pelos sujeitos ou por terceiros, como destacou Foucault (2014a). Na materialidade em análise, o silicone aparece como material usado para agregar ao corpo masculino um formato mais efeminado. A partir disso, assim como na tirinha anterior, vemos que as técnicas de si operadas sobre o corpo constituem modos de subjetivação que permitem ao sujeito (*crossdresser?*) vivenciar uma vontade de verdade sobre o que é ser mulher em nossa sociedade, ao aplicar um formato ao seu corpo que lembra o contorno dos seios e bumbum femininos. O exercício de tal técnica remete ainda ao estado de liberdade do sujeito em realizar tal alteração, o que fica perceptível na resposta do médico: “obrigado nada...”, que constrói o sentido de que ninguém “obrigou” o sujeito a fazer o implante, que ele o fez por vontade própria. Ao fazê-lo, foi de encontro às regras do sistema heteronormativo, assumindo uma posição de resistência diante dessas relações de poder

que impõem padrões ao exercício dos papéis de gênero. Tal atitude de liberdade encontra respaldo no pensamento de Foucault (2014b, p. 134) quando este diz que “o poder só se exerce sobre ‘sujeitos livres’, e enquanto são ‘livres’ – entendamos por isso sujeitos individuais ou coletivos que têm diante de si um campo de possibilidade em que várias condutas, várias reações e diversos modos de comportamentos podem apresentar-se”. Ora, é nesse jogo entre as relações de poder e resistência, nos entraves entre a norma que objetiva e a liberdade que faz escapar, onde o sujeito, por meio das técnicas de si, constrói sua subjetividade.

Analisemos, agora, a Figura 3, a qual representa também um corpo montado que é construído a partir de técnicas de si pelo sujeito. No primeiro quadrinho da tira, a nossa já conhecida personagem aparece admirando o próprio corpo, que apresenta contornos femininos no quadril e ainda mais visivelmente no bumbum e nos seios. A personagem classifica o próprio corpo como “demais!” e acrescenta: “Silicone é uma maravilha! Posso ter isso tudo...”, no segundo quadrinho, onde aparece de lingerie, completa: “e continuar sendo homem!”. A afirmação corrobora a noção de *crossdressing* que apresentamos anteriormente. Apesar de vestir-se com roupas femininas e de algumas vezes intervir cirurgicamente em seu corpo, o sujeito *crossdresser* não necessariamente deseja “tornar-se” mulher, pertencer ao sexo feminino ou mesmo ser homossexual. Como é o caso da personagem da tirinha, que deixa isso claro no último quadrinho: “Pena que eu não seja homossexual também...”.

Figura 3: Silicone blues 6.



Fonte: <http://murieltotal.zip.net/arch2009-03-08_2009-03-14.html>. Acesso em: 29 de maio de 2016.

Pela expressão de tristeza que o sujeito apresenta no final da tira, há o efeito de sentido de que o fato dele não ser homossexual torna a transformação em seu corpo ainda mais “anormal” diante do olhar da sociedade. Isso porque a maioria das pessoas possui uma visão engessada sobre os papéis de gênero, de maneira especial sobre elementos como cor feminina e cor masculina, roupa de homem e roupa de mulher, gestos femininos e gestos masculinos, dentre outros. Podemos aqui lembrar uma fala corriqueira: “Tudo bem ser gay, mas precisa se vestir de mulher?”, a qual representa bem a visão heteronormativa da sociedade sobre os papéis de gênero. Outro efeito de sentido possível é que o sujeito se sinta frustrado por sua orientação sexual não corresponder socialmente às modificações realizadas. Vale ressaltar que, se o sujeito da tirinha fosse homossexual, isso não impediria que a sociedade o visse como transgressor, uma vez que tanto a homossexualidade quanto vestimentas e transformações que ele realizou no corpo vão de encontro à vontade de verdade sobre o que é ser normal (heterossexual) na sociedade.

Mesmo diante dessa interdição, o sujeito não deixou de realizar as transformações sobre o corpo e vivenciar seu desejo de ter um corpo feminino, ainda que a sociedade negue a ele esse reconhecimento. Essa mesma atitude de negação é vista também, por exemplo, em relação aos sujeitos transgêneros, que não têm ainda respeitado o uso do nome social por boa parte da sociedade. Mesmo que esta situação tenha avançado e hoje já seja possível alterar o nome de acordo com o gênero com qual

se reconhece, muitos homens e mulheres trans enfrentam o preconceito cotidiano de ter negado o tratamento correspondente ao gênero que se identifica.

Também nesse caso em análise é perceptível o emaranhado de relações de poder que envolvem os sujeitos que não se encaixam no padrão heteronormativo, sejam eles homossexuais, *crossdressers*, travestis, transgêneros. Em contrapartida, também é nítido que o corpo desses sujeitos tem sido usado como lugar de resistência diante de tais relações de poder, o que tem permitido o exercício de práticas de subjetivação capazes de mudar, mesmo que vagarosamente, a realidade social em que vivem.

A partir dessa análise do processo de transformação e montagem representado nas tiras, esboçamos o modo como o corpo é estudado na AD: enquanto lugar de produção de discursos, enquanto prática discursiva; e também como é possível que o corpo seja ressignificado a partir da ação do sujeito, que atua sobre si mesmo – um exemplo claro do que Foucault (2014a) chama de técnicas de si – para tornar-se sujeito de seus próprios desejos.

Considerações finais

Neste artigo analisamos de que modo se dá a constituição da subjetividade *crossdresser* e como esse processo de subjetivação aparece materializado no corpo. Concluímos que a constituição da subjetividade *crossdresser* se dá por meio das inscrições simbólico-discursivas que ele realiza em seu corpo. Tais inscrições se dão através das tecnologias de si que o sujeito mobiliza para chegar ao estado de subjetivação. Todas as ações que o sujeito pratica em seu corpo para significar traços de feminilidade podem ser consideradas tecnologias de si. Em nossa análise, o uso da vestimenta feminina, a prática de depilação e o aplique de silicone foram as principais tecnologias identificadas.

É necessário acrescentar ainda que o processo de subjetivação desses sujeitos se dá em constante agonística com as relações de poder-saber contemporâneas, o que significa dizer que são várias as negociações que o sujeito precisa realizar para alcançar a subjetivação. É preciso negociar a convivência social, é preciso negociar os amigos e,

principalmente, ressignificar o corpo. Este, conforme apontamos na análise, é a arena na qual se dão as lutas e também o palco onde se apresentam, se exibem as inscrições discursivas que o adornam e que representam o feminino.

Referências

FOUCAULT, Michel. As técnicas de si. In: *Ditos e escritos IX:* genealogia da ética, subjetividade e sexualidade. Organização, seleção de textos e revisão técnica Manoel Barros da Motta; tradução Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014a. p. 264-296.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: *Ditos e escritos IX:* genealogia da ética, subjetividade e sexualidade. Organização, seleção de textos e revisão técnica Manoel Barros da Motta; tradução Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014b. p. 118-140.

GROSZ, Elizabeth. Corpos reconfigurados. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 14, 2000. p. 45-86.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.). *O corpo educado***:** pedagogias da sexualidade. Traduções de Tomaz Tadeu da Silva. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000. Não paginado. Disponível em: <http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/867_1567_louroguaciral Lopescorpoeducado.pdf>. Acesso em 23 de maio de 2016.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho:* ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

MILANEZ, Nilton. Corpo cheiroso, corpo gostoso: unidades corporais do sujeito no discurso. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, Maringá, v.31, n.2, 2009, p.215-222.

NASCIMENTO, Maria Eliza Freitas do. *A pedagogia do sorriso na ordem do discurso da inclusão da Revista Sentidos:* poder e subjetivação na genealogia do corpo com deficiência. 2013. 288 f. Tese (Doutorado em Linguística)-UFPB/CCHLA, João Pessoa, 2013.

NÓBREGA FILHO, Emanoel Raiff Gomes da. *Sujeitos queer em cartaz*: uma análise discursiva do corpo em (trans)formação. 2011. 96 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFPB/PROLING, João Pessoa, 2011.

AZEVEDO, Marcos Paulo; SILVA, Francisco Vieira da. “As vezes um cara tem que se montar, ué!” técnicas de si e ressignificação do corpo no *crossdressing*. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p. 04-20, 2020. (ISSN: 2317-1006 - online).

VENCATO, Anna Paula. *Sapos e princesas*: prazer e segredo entre praticantes do *crossressing* no Brasil. São Paulo: Annablume, 2013.

Recebido em julho de 2019.
Aceito em dezembro de 2019.